

FONTES DE “SABER” NAS CRÓNICAS MEDIEVAIS: FERNÃO LOPES

*Julieta Araújo Esteves**
julietaaaraujo@gmail.com

RESUMO: Um cronista perante a tarefa hercúlea de escrever uma crónica munia-se de diferentes ferramentas, bases da informação que ia vincular. Neste trabalho procuramos analisar as fontes de “saber” que eram usadas em algumas crónicas medievais, salientando que o conceito de “saber” abrange diferentes formas de conhecimento e na Idade média o saber popular e o saber erudito coexistiam, de forma muitas vezes complementar. Usaremos como exemplo as crónicas de Fernão Lopes. A produção historiográfica da época medieval é herdeira de tradições clássicas mas se a medievalidade é receptora de toda esta cultura também, é ela própria criadora. É nesta perspectiva que abordaremos as *Crónicas* de Fernão Lopes, salientando aqui e ali, as questões metodológicas que estão subjacentes.

Palavras-chave: Fernão Lopes, Crónicas, Idade Média

O Saber erudito e a herança clássica

A produção historiográfica clássica relata para a posteridade os acontecimentos que pela sua importância na época ou singularidade podem suscitar curiosidade ou interesse. Normalmente, nestas narrativas os acontecimentos históricos estão misturados com lendas e epopeias onde a realidade e a ficção se encontram e se complementam. Os autores de vários destes trabalhos têm como seu objectivo perpetuar os grandes nomes ou acontecimentos, de forma a “não se perderem nos tempos”.

Podemos considerar esta chamada “história narrativa” como a forma de fazer a trabalhos históricos que vai transpor para a medievalidade. Para ela contribuíram grandes nomes como Heródoto, Tucídides, Tito Lívio, Aristóteles, Platão, etc. Muitos deles não se dedicavam aos géneros histórico mas os seus contributos para a escrita da História são inegáveis.

Podemos analisar um pouco mais detalhadamente Heródoto, o chamado “pai da História” cujos trabalhos incluem detalhes da realidade que o rodeia e que testemunhou, procurando perpetuar o passado e dar glória. Na sua pesquisa, que ele afirma procurar

* Professora Doutora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

ser imparcial, incluindo informações da geografia, história natural, etnologia e religião, e desenvolvendo novos conceitos.

Como refere Teresa Amado (1991) “foi o primeiro a declarar que escrevia história, isto é, investigação das acções humana se das razões que levaram à sua execução.”

Com Tucídides¹ a consciência histórica evolui para outro patamar, e há uma evolução metodológica e conceptual, gradualmente vai se definindo o papel do historiador. A história, ainda que se mantenha como uma narrativa, vai passar a incluir aspectos explicativos, procura-se uma justificação dos acontecimentos. Os mitos continuam a ser utilizados, em conjunto com a realidade histórica, mas a cronologia ganha importância e há uma consciência e que parte das histórias são fábulas.

Este autor refere, no Prólogo da “Guerra do Peloponeso”, que procura a “Verdade Histórica” e diz que abandona o Fabuloso. Perante esta atitude consciente de alteração da narrativa Tucídides reconhece que assim corre e o risco de perder leitores pois parte do interesse destas narrativas assenta nas grandes mitologias.

Considerado o fundador da história explicativa, organiza as causas dos acontecimentos históricos de forma hierárquica: *Causas profundas, verdadeira e reais*, que são os verdadeiros motores da História; das *Causas aparentes, exteriores ou acidentais*, estas servem para as explicações aparentes.

Aqui a causalidade pressupunha a acção do homem no meio, pelo que era essenciais as coordenadas Espaço e Tempo. Vai pormenorizar as descrições geográficas, populacionais, linguísticas e busca referências temporais mais sólidas, que são várias vezes referidas nos seus trabalhos mas têm grandes várias lacunas, principalmente na datação.

Há um salto qualitativo na concepção de História, pois investiga os acontecimentos para lhes encontrar o sentido. O “porque aconteceu” ganha primazia ao “o que aconteceu”, procurando descobrir as relações de causa - efeito. Parte do pormenor da informação que faculta resulta do seu espírito arguto e de ter sido testemunha de parte dos acontecimentos, procurando dar uma informação precisa e detalhada.

A História agora, não se limita a narra os acontecimentos, mas considerada como “Mestre da vida” serve para obter dos acontecimentos passados ensinamentos úteis para o futuro. Pelo que o passado serve de exemplo e de advertência face ao futuro.

Esta história designada por “didáctica” geralmente acaba por revelar quais as opiniões pessoais dos seus autores, pois tem uma função educativa onde o papel do autor é de influenciar o leitor no sentido do que deve fazer.

Estas obras têm como objectivo principal apresentar aos leitores exemplos de virtudes, que se devem imitar e evitar os vícios, que se devem corrigir sob pena de algum castigo divino. Assim estes autores tendem a omitir tudo o que entra em contradição com os seus objectivos, ou alterar os acontecimentos para que se encaixem nas suas interpretações.

Esta concepção mantém-se com Políbio, amigo de Cipião Emiliano, que leva a influência grega para Roma.

“A História não é só bela, é necessária. (...) Afirmando que os elementos mais necessários da história são as sequências, o acompanhamento dos factos, e sobretudo a causa”

É em Roma que o culto da história se mantém e desenvolve com grandes obras de vários autores como Salústio, Júlio César, Tito Lívio, Tácito.

Os temas privilegiados eram geralmente os temas das histórias de cidades ou do império, assumindo uma historiografia de carácter nacional e patriótico. Nelas encontramos referências às causas económicas e sociais como factores que influenciam os acontecimentos históricos, mas metodologicamente, muitos autores tendem a usar essencialmente uma única fonte, como estrutura, onde inserem factos de outros autores.

Perante a falta de informação, falta de acesso às fontes ou por puro estilo literário a ficção dos acontecimentos mantinha-se nos trabalhos históricos o que levava ao descrédito do estilo.

“Para um passado remoto, quem pode ter pretensão de ter a certeza do que aconteceu ou não? Mas parece que as histórias dos deuses eram reconhecidas como falsas por muitos gregos, e Platão expulsou da cidade os poetas por mentirosos. Depois, em tempos mais próximos, quando os cronistas medievais narravam prodígios e milagres, tais factos eram considerados verídicos, pelo menos por muitos” (AMADO, 1991).

Fontes de “saber” nas crónicas

Com o advento do cristianismo, a fé e o conhecimento da Bíblia reflectem-se nas produções historiográficas. Com o cristianismo a concepção de história procura uma

transcendência na explicação da vida humana. Para os primeiros historiadores cristãos, cujo paradigma é Santo Agostinho, a história deverá ser Universal e ela tem sentido, de princípio a fim, porque acima da vontade humana está a Providencia Divina, ou seja, o desígnio de Deus para o mundo, que lhe dá significado. Assim a História é a concretização no tempo, do desígnio de Deus para os Homens.

Esta concepção única, providencialista e transcendente da História mantém-se pela Idade Média.

Podemos dizer que com o final da época clássica há uma viragem na concepção de História e de Tempo, já não é uma visão cíclica mas mais linear, há uma evolução e um caminho para atingir um fim. Mas também em simultâneo subsiste em alguns autores que praticam e desenvolvem obras de carácter cíclico e narrativo clássico.

Há variedade e abundância de trabalhos de temática histórica na Idade Média, desde hagiografias a crónicas, onde Deus e aspectos espirituais têm a primazia. A Península Ibérica está a seguir a corrente europeia, as obras são maioritariamente feitas sobre religiosos e por religiosos.

Em Portugal, desde o século XII há várias obras de teor religioso que referem acontecimentos da História de Portugal como as Crónicas de Santa Cruz de Coimbra, publicadas por Alexandre Herculano (SERRÃO, 1990, p. 19), em Louvor a D. Afonso Henriques.

Narra-se assim a amizade de D. Afonso Henriques pelo abade Teotónio na *Vita S. Theotoni*, e da mesma época, e o *De Expugnatione Scalabis*, poema em prosa onde teoricamente se descreve a Tomada de Santarém, por D. Afonso Henriques aos mouros, em 15 de Março de 1147.

Como refere Veríssimo Serrão: “houve portanto narrativas de um ciclo histórico que se poderia definir de “afonsino” e que se prolongou ao longo do séc. XIII atingindo mesmo meados do século. XIV” (SERRÃO, 1990, p. 21).

Como referimos as temáticas religiosas eram privilegiadas proliferando as hagiografias, com as descrições das vidas de santos. Tinham também vasto público os textos bíblicos e houve grande interesse pelas regras monásticas, resultantes, quase todas da escola monástica de Alcobaça.

Há também obras da época de D. Dinis como a “Coroniqua de como Dom Payo Correa Mestre de Santiago de Castella tomou este reino do Algarve aos moros”, publicado por frei Joaquim de Stº Agostinho. Cuja temática é em simultâneo militar, política e religiosa.

Em paralelo com as crónicas de origem monástica temos os Livros de Linhagens ou Nobiliários, com o contributo de D. Pedro, Conde de Barcelos, filho de D. Dinis. Estes Nobiliários revelam informações da história política, social, jurídica, falando das famílias ilustres dos seus membros.

Na Idade Média o acesso à leitura era reservado só para alguns, geralmente religiosos ou nobres e mesmo nestes grupos uma grande maioria não sabia ler nem escrever. É nas escolas dos mosteiros e nas escolas palacianas que alguns têm acesso ao mundo secreto das letras mas eram uma minoria pois o analfabetismo grassava na população. As influências clássicas estavam guardadas nos mosteiros ou bibliotecas reais, sob a forma de livros ou obras de arte e sofrendo adaptações, mutilações ou desmembramentos foram passadas para a Idade Média.

Creemos que Fernão Lopes terá tido acesso se não a todas pelo menos á maior parte destas obras e foi por isso escolhido como exemplo de Cronista.

Portugal estava atento ao que era produzido na Europa na época e especificamente, em Castela, disso resulta a “cronica Geral de Espanha, de 1344”, uma adaptação em língua portuguesa e com acrescentos específicos da história de Portugal, da “Cronica Geral de Espanha” que o rei Afonso X, o Sábio, mandou fazer no séc. XIII. Utilizando a parte de História comum aos diferentes reinos peninsulares foi acrescentado e alterado o que dizia respeito, especificamente á história de Portugal.

O nosso autor teve também acesso a várias traduções, do final de séc. XIV e XV de obras de diversas origens.

É neste ambiente de uma corte cultivada e apta para as Letras que se insere Fernão Lopes, contemporâneo da Dinastia de Avis.

Esta medievalidade Peninsular tem valores culturais de inspiração clássica e como refere Tarracha Ferreira (1988):

“as suas obras eram seleccionadas e adaptadas à nova mentalidade, de inspiração cristã a qual só assimila os valores culturais adequados aos princípios morais e religiosos por que se rege” (p. 07).

Fernão Lopes foi fiel depositário de todo este saber, reunido e depurado durante séculos. De facto, nem sempre se dá à sua hedonística o seu real valor, acusando-a de posições tendenciosas, serviços encomendados, realidades adaptadas para o que se quer guardar para a posteridade, mas é sempre é possível fazer uma aproximação ao real, com a certeza de uma fonte quase sempre coeva.

Nascido cerca de 1380 (SERRÃO, 1972, p. 41)², coevo dos primeiros monarcas da dinastia de Avis e testemunha directa da maioria dos seus principais momentos.

Fernão Lopes foi tabelião geral e desempenhou funções de relevo junto dos reis pelo que conhecia muito bem a documentação oficial. Incumbido por D. João I., ele próprio autor do Livro da Montaria, eventualmente a partir de 1431, de escrever as crónicas de todos os reis desde o conde D. Henrique, inclusive, só chegaram até nós as crónicas de D. Pedro I e D. Fernando e parte da crónica de D. João I.

Refere Veríssimo Serrão(que esta incumbência de escrever as crónicas foi confirmada por D. Duarte em carta régia de 19 de Março de 1434, ano em que Fernão Lopes se torna guarda da Torre do Tombo.

A partir de 1451, foi substituído por Gomes Eanes de Azurara, vindo a falecer em 1459.

Homem da sua época, Fernão Lopes não tem conceito de plágio, nem grandes preocupações de especificar autoria. Assim a sua obra é um depósito da obra de vários outros autores e dos seus próprios conhecimentos sem muitas vezes indicar *o que* foi buscar e a *onde*.

Consciente disso ele apresenta-se como um *compilador* mais do que um *historiador*.

Mas isso significa que não se preocupa com as fontes? Não, muito pelo contrário, Fernão Lopes tem uma grande preocupação com as fontes, muitas vezes por ele criticadas de forma contundente, apenas há aquelas que usa, sem especificar e outras que conscientemente procura salientar. Talvez por isso Teresa Amado refira que nenhum outro cronista foi simultaneamente tão historiados e tão narrador.

Há uma reflexão por parte do nosso autor sobre este assunto:

Fernão Lopes, na Crónica de D. João I., revela no “Prólogo”, que na tarefa de ordenar história se corre o risco de ser tendencioso, pois há diversos factores a condicionar a escrita e selecção dos factos, contando-se entre eles a afeição, pois

“Esta mundanall afeição fez a alguus estoriadores, que os feitos de Castella, com os de Portugall escpreverom, posto que homees de boa autoridade fossem, desviar da derecha estrada, e correr per semieiros escusos” e “ assi que a terra em que os homees per lomgo costume e tempo forom criados, geera huua tall conformidade amtre nto e ella, que avemdo de julgar alguua sua cousa, assi em louvor como per contrairo, numca per elles dereitamente rrecomtada”⁶.

Isto era bem visível na época, principalmente no que se refere às relações entre D. João I de Portugal e D. João de Castela, sendo certo que os autores peninsulares apresentariam interpretações diversas dos acontecimentos, conforme o interesse dos respectivos senhores. Outro factor que, para Fernão Lopes, podia interferir na isenção, seria o “desejo de fama”, o que muitos buscavam, ainda que para tanto se afastassem da verdade dos acontecimentos.

Apesar de tudo isso, o cronista afirma: “Nos certamente levando outro modo, posta adparte toda afeiçom, que por aazo das ditas rrazoões aver podíamos, nosso desejo foi em esta obra escrever verdade, sem outra mestura”.

Para além deste desejo de escrever a verdade, a crítica das fontes foi tida em consideração, pelo que afirma :

“(…) mas mentira em este volume , he muito afastada da nossa voomtade.

Ooh! Com quamto cuidado e diligemcia vimos

grandes vollumes de livros,

de desvairadas linguagees e terras; e isso meesmo

pubricas escpirturas de muitos cartarios e

outros logares nas quaaes

depois de longas vegilias e grandes trabalhos,

mais çertidom aver nom podemos da contheuda em esta obra ”

(FERNÃO LOPES, 1945, p. 02).

Há assim um esforço metodológico em Fernão Lopes de *Crítica Histórica*.

Fernão Lopes segue a nova corrente humanista, pois com o renascimento regressam à tradição crítica dos historiadores clássicos. Defende-se o regresso às fontes e a análise filológica dos textos, e daí resultar a noção de anacronismo. A História não deixou de ser fonte de exemplo moral, mas os historiadores do renascimento revelam uma atitude racional e preocupam-se com o valor das suas fontes. Procuram excluir o maravilhoso e substituem o propósito da edificação pelo da formação política. Valorizando mais as lições políticas que julgam poder tirar dos documentos que os factos em si mesmos.

Regressando a Fernão Lopes, continua a impressionar a simplicidade com que refere que, “se alguém procura na sua obra beleza e novidades de palavras, que vai ficar decepcionado, pois o que ele procura revelar é a simples verdade”. A sua visão dos acontecimento é exposta de uma forma tão vivencial que parece procurar transportar o

leitor para o palco dos acontecimentos. Verrissimo Serrão concidera Fernão Lopes, o 1º cronista português foi pelo seu método quem deu início em Portugal á “Historia Narrativa de fundo crítico”

João Gouveia Monteiro salienta a importancia das narrativas dde Fernão lopes para o conhecimento da época (MONTEIRO, 1988).

Das obras de Fernão Lopes, analisadas temos a Crónica de D. João I, cuja acção se inicia em 1382, com o descontentamento geral face ao conde João Fernandes Andeiro, cujo relacionamento com a mulher do rei D. Fernando era conhecido e notório.

A sua descrição dos grandes nobres e da população em geral é rica em pormenores, demonstrando um apurado sentido de observação. Não só dá uma visão dos locais em que decorrem os acontecimentos, como procura até fazer os retratos psicológicos dos intervenientes, sejam individuais ou colectivos.

O tipo de fontes utilizado para esta parte, parece ser essencialmente testemunhos orais e é de salientar que, no meio de toda a movimentação política e social que nos descreve, não deixa de aparecer várias vezes referida a desconfiança e o receio que havia face ao poderoso vizinho castelhano. Tentando ser fiel ao desejo de relatar a verdade faz, por vezes, críticas aos principais nobres do reino, quando tomam atitudes que o cronista considera pouco louváveis (SERRÃO, 1962, p. 54). Ao longo dos trabalhos demonstra a sua cultura clássica e como refere P.E. Russel é comum a referencia a “Aristoteles, Tito Livio, Cicero, Eusébio, Ovídio, Beda, Santo Agostinho” (RUSSEL, 1941, p.06). Tal também é referido por Teresa Amado que sobre esta cronica nota o uso constante da Crónica do Condestabre de Ayala, que não entrando pela questão da autoria foi sem dúvida a principal fonte e por isso é lhe por vezes atribuída (AMADO, 1991, p.72) .

Realmente a produção historiográfica de Fernão Lopes é vasta e conforme a obra e o capitulo é possível encontrar uma ou outra fonte principal, da qual o Cronista “se apropria , seguindo-a praticamente na integra”.

Neste caso e para fazer as crónicas, sem dúvida que Fernão Lopes utilizou a Crónica de D. Pedro de Castela do Chanceler López de Ayala.

João Matos propõe-se verificar o aproveitamento feito por Fernão Lopes das obras de Ayala concluindo que para a crónica de D. Fernando, normalmente Fernão Lopes faz uma tradução simples, por vezes resumos, alternados com “acrescentamentos, que refletem opiniões pessoais, comentários e explicações do autor” (MATOS, 1991, p. 07).

Mas conforme tem acesso ou não, a outras fontes de informação, usas. Gouveia Monteiro salienta a questão da metodologia colocando duas questões basilares: Quais as fontes de que se serviu para a elaboração da sua obra? Qual a forma como foram aproveitadas? (MONTEIRO, 1988, p. 86).

João Matos refere “Em nosso entender é lógico que tal aconteça, pois a existência de fontes oriundas do lado de cá da fronteira está comprovada e estas poderiam transmitir um natural e óbvio ponto de vista informativo diferente, quíça oposto, do de Ayala e, assim, dar a Fernão Lopes instrumentos ou alibis para fazer a crítica que faz, algumas vezes com laivos de nacionalismo à mistura” (MATOS, 1991, p. 78).

Russel salienta que D. Duarte manda vir livros para ajudar na tarefa de Fernão Lopes e assim faz todo o sentido que tenha tido acesso ao *Chronicon Mundi*, de Lucas de Tui e o de rebus Hispaniae de Rodrigo de Toledo (RUSSEL, p.10), mas mesmo com tal diligencia e zelo falhas acontecem.

Por vezes, Fernão Lopes entra em contradição e tem dúvidas quanto à escolha apropriada de fontes para certos acontecimentos. Temos vários exemplos:

No episódio referente à “Crónica de D. Fernando”, na passagem de D. Fernando de Castro, no capítulo XXXIV, onde por vezes refere que estava preso, mas em outros passos refere acções que estaria a desempenhar. Aurelio da Costa Veiga (MATOS, 1991, p. 104) acusa-o de não ter ido confirmar as informações na Chancelaria de D. Fernando onde estavam os Diplomas. Assim entra em contradição quando, por vezes, usa Ayala em detrimento das fontes portuguesa que são mais fidedignas.

Na mesma crónica ou e na Partida de D. Henrique de Castela, capítulo LXXI, é acusado de errar nas datas não seguindo a de Ayala que seria a mais correta (MATOS, 1991, p. 105).

A Bíblia em Fernão Lopes

Na época a cultura é “transmitida essencialmente por via oral: pregação dos monges, leitura escutada da Bíblia...” (POESIA E PROSAS MEDIEVAIS, 1988, p. 08)

Mário Martins refere que

“são as obras profanas e escritas por leigos que melhor nos revelam a intensidade presencial da Bíblia no mundo não clerical, sobre tudo em frases a que chamaremos Secundárias, embora não intrusas.” (MARTINS, p. 75).

Nascem impelidas, muitas vezes, pelo inconsciente religioso e pelas reminiscências que nele se acumularam. Fernão Lopes é disto um caso típico, a partir da Crónica de D. Pedro.

Podemos encontrar várias referências à Bíblia, como ao lamentar o assassinio de um rei dizendo “A cobiça é a raiz de todo o mal”, repetindo as palavras de São Paulo: “com efeito, a raiz de todo o mal é a cobiça”(I Tim., 6,10).

Outra referência está em moedas o rei mandara lavar. Lia-se em latim: “Deos ajuda-me e faze-me exçellente vencedor sobre os meus inmiigos”, o que é comum a vários salmos.

Ao referir-se ao rei D. Fernando, e á sua estatura, diz que era de “razoada altura, vistoso e tal que estando entre outros homens posto que conhecido nom fosse, logo o julgariam por Rei dos outros”.

Segundo Mário Martins era apresentado quase como Saúl a ser coroado. E Saúl pôs-se “no meio do povo e viu-se que era mais alto do que todo o povo, do ombro para cima” (I reg., 10, 23).

Na passagem referente a Pedro de Luna, afirma que este nunca adorará o bezerro de ouro ou o ídolo de Babel mas, escreve Fernão Lopes, veio o Cisma, e “ o corpo mistico da Igreja” fica com duas cabeças. Esta ideia de dualidade alma-corpo está presente em S. Paulo como na Epistola aos Romanos, 7, 4.

“Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei, pelo sacrifício do corpo de Cristo, para pertencerdes a outrem, àquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos frutos para Deus”.

Ou

“Assim, pois, de um lado, pelo meu espírito, sou submisso à lei de Deus; de outro lado, por minha carne, sou escravo da lei do pecado”. Paulo, como na Epistola aos romanos, 7, 4.

Fontes Documentais oficiais

Seguindo a cronística medieval peninsular, Fernão Lopes por vezes inclui transcrições quase integrais de documentação á qual teve acesso. Mas do capitulo CLXIII ao capitulo CLXVII, da Crónica de D. Fernando, as fontes variam entre documentais a testemunhos pessoais.

No capitulo CLXIII está a transcrição da relação dos “Solenes juramentos” feitos pelo casamento de D. Beatriz com D. João de Castela, em Maio de 1383, que são retirados do próprio contrato de casamento .

Como refere Antonio Saraiva (s.d.) “Transcreve ou resume, leis, tratados, cartas, sem curar, quandoas possui , de informações de ouvido, que eram a fonte normal dos cronistas da época” (pp. 25-26).

Conclusão

O tempo faz o Homem e este reflete o seu tempo.

Fernão Lopes trilha uma senda iniciada pelos clássicos, os quais conhece e refere, alargada e transformada pela influencia da moral e fé cristã, seguindo Santo Agostinho e referindo várias vezes a Biblia ou sermões.

A escrita é um acto de fé mas que necessita da crença dos outros. Assim o nosso autor munio-se das maiores autoridades Clássicas e Cristãs para demonstrar os seus conhecimentos e assim dar credibilidade ao seu proprio esforço.

Fernão Lopes cria nas suas obras, um espelho, que reflecte não apenas a sua época mas também a si próprio, os seus conhecimentos, os seus pensamentos, afinal, aquilo que quer que fique para a posteridade.

SOURCES OF KNOWLEDGE IN MEDIEVAL CHRONICLES: THE EXAMPLE OF FERNÃO LOPES

ABSTRACT: A chronicler before the herculean task of writing a chronicle recollect up different tools, databases of information that would link. This work analyzes the sources of "knowing" that were used in some medieval chronicles, reflecting that the concept of "knowing" includes different forms of knowledge and in the Middle Ages the popular and scholarly knowledge coexisted so often complementary. We will use as an example the chronicles of Fernão Lopes.

The historical production from medieval inherits from classical traditions but if Medieval Age is receiving all this culture too is her own creation.

Keywords: Fernão Lopes, Chronicle, Middle Ages.

FUENTES DEL SABER EN LAS CRONICAS MEDIEVALES: FERNÃO LOPES

RESUMEN: Uno cronista tiene el trabajo herculeo de reunir las bases de datos a fin de obtener las informaciones necesarias para su objetivo. Este texto busca las fuentes del saber que fueron utilizadas para la composición de las cronicas. Em la Edad Media las diversas formas de conocimiento, el popular e el erudito coexistem como complementares. El exemplo elegido es las cronicas de Fernan Lopes. La producción historica medieval recibio como herança la tradición clasica pero la recrea.

Palabras clave: Fernão Lopes, cronicas, Idade Média

¹ c. 460- 395 a. c., político ateniense autor da *História da Guerra do Peloponeso*

² Viveu entre 1387 e 1459. Manuel Gama, propõe o período que se situa, aproximadamente, entre 1380 e 1458.

REFERÊNCIAS

AMADO, Teresa. *Fernão Lopes Contador de História sobre a Crónica de D. João*. Lisboa: Estampa, 1991.

GAMA, Manuel. *Textos Escolhidos; Fernão Lopes*, Lisboa, Verbo, 1971.

Historia de Portugal, vol. I refere que está publicado no vol. I do *Scriptores do Portugaliae Monumenta Historica*, 1856.

FERNÃO LOPES, *Crónica de D. João I*, vol. I, Porto, Livraria Civilização, 1945.

MARTINS, Mário. *A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura portuguesa, Presidência do Conselho de Ministros.

MATOS, João Manuel Sant'Ana de. *A Crónica de Fernão Lopes: Problemas suscitados pelo aproveitamento de Ayala e outras Fontes*. Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa, Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, 1991.

MONTEIRO, João Gouveia. *Fernão Lopes, texto e contexto*. Coimbra: 1988.

Poesia e Prosa Medievais, sel. Intr. e notas por Tarracha Ferreira, 2º edição, editora Ulisseia, pag. 7, [1988].

RUSSEL, P. E. *As Fontes de Fernão Lopes*, Coimbra: Coimbra Ed., 1941. Col. Universitas, 3.

SARAIVA, Antonio José. *As Crônicas de Fernão Lopes*, Antologias Universais, Lisboa: Portugália, s.d..

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *A Historiografia Portuguesa; Doutrina e Crítica*, vol. I, Lisboa, Verbo, 1972.

_____. *História de Portugal*, vol. I, 1990.